

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: DIVERSIDADE CULTURAL/HUMANA

A INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO DO ENSINO MÉDIO COM TEA ATRAVÉS DO PROGRAMA RÁDIO NA ESCOLA¹

Silvana Viera², Nadir Lúcia Schuster Colling³, Lucas Calabria Buligon⁴, Juliane Braida Benetti⁵, Rosane Benetti Andretta⁶

¹ Relato de Experiência do projeto pedagógico "Rádio na escola" realizado numa escola pública estadual, através da participação de um aluno do Ensino Médio, diagnosticado com TEA-Transtorno do Espectro Autista objetivando sensibilizar a comunidade escolar para a temática da inclusão e diversidade.

² Professora de Sala de Recursos-AEE da Rede Estadual, Especialista em Educação Especial, sil.viera@hotmail.com

³ Assessora da Educação Especial 36ª CRE/Ijuí. Professora Ms. em Educação nas Ciências, nadir_colling@hotmail.com

⁴ Aluno do 1º Ano do Ensino Médio, henriquebuligon@hotmail.com

⁵ Professora de Letras da Rede Estadual, Coordenadora Pedagógica, julianebrida@yahoo.com.br

⁶ Professora de Ciências da Rede Estadual, Diretora, aneandretta@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Considerando que, partir de 2008, com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, a inclusão dos alunos com deficiência nos espaços escolares é com certeza um grande avanço na história da educação brasileira, significando desafios e oportunidades diários, permeado por fragilidades, mas acima de tudo muita esperança. Referendado nesta conjuntura inclusiva, a Lei nº 12.764/2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com *Transtorno do Espectro Autista* e estabelece diretrizes para sua consecução, também conhecida como Lei Berenice Piana[1]. Nesse contexto será relatada uma experiência de inclusão do Colégio Estadual Catuípe, do município de Catuípe.

No início do ano letivo de 2018, a escola recebeu no Ensino Médio a matrícula de um educando autista, o Lucas. O acolhimento inicial aconteceu no espaço da Sala de Recursos[2], onde acontece o AEE-Atendimento Educacional Especializado. Um momento cheio de significados, mediado pela professora especialista da Educação Especial e a família do educando, que se encontra no Transtorno do Espectro Autista/Síndrome de Asperger[3], e que iria ingressar no referido educandário.

A família, naquele momento manifestava ansiedade e expectativa, no sentido de que a escola anterior, onde o filho havia cursado a maior parte do ensino fundamental lhe proporcionava segurança, pois o jovem já estava naturalizado com o espaço, metodologia de trabalho e principalmente tinha fortes laços afetivos com colegas e professores. Outra preocupação da família era sobre as exigências curriculares da nova etapa de ensino, pois apesar de ter uma excelente memória visual estava encontrando dificuldades na aprendizagem dos conteúdos mais abstratos e esse fato estava desmotivando o educando, em relações ao processo ensino

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: DIVERSIDADE CULTURAL/HUMANA

aprendizagem. Sentimentos estes, compreensíveis, segundo Cunha (2014), ao afirmar que

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (p. 68).

Diante de todo este contexto simbólico, se fez necessário (re) significar as ações pedagógicas, tendo como objetivo, mediações específicas de sensibilização com o aluno, oportunizando tornar a escola um espaço acolhedor e seguro. No primeiro dia de aula e nos demais que se seguiram a acolhida, o acompanhamento e a permanente olhar e escuta sensível para com os professores e a família, se tornou uma rotina e fez a diferença na sua convivência e permanência na nova escola.

Objetivos

Proporcionar a inclusão escolar através de atividades realizadas no Projeto Rádio na Escola.

Oportunizar momentos culturais, divulgando as produções pedagógicas.

Estimular o trabalho colaborativo em equipe.

Aprimorar a expressão escrita e oral, conhecendo e vivenciando a linguagem radiofônica.

METODOLOGIA

O processo de adaptação e pertencimento ao novo espaço escolar fluiu com naturalidade e é possível perceber, que Lucas tem potencial na expressão oral, na aprendizagem da gaita e seu interesse pela música gaúcha oportunizou o próximo passo no processo de inclusão: sua inserção no grupo de alunos que fazem parte da Rádio CEC “Uma ideia que toca”. O referido projeto, desenvolvido no Colégio Estadual Catuípe, começou a ser estruturado em 2011 por meio do programa Mais Educação do Ministério da Educação, resultante do projeto “Rádio na Escola”, promovido e incentivado pela 36^a Coordenadoria Regional de Educação e tendo parceria com o Curso de Comunicação Social da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-UNIJUI.

Os programas da rádio são organizados pelos alunos e coordenado por uma professora,

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: DIVERSIDADE CULTURAL/HUMANA

sendo que cada dia da semana é dedicado para estilos musicais diversos. Lucas é responsável pelo dia da música gaúcha que vai ao ar, todas as sextas-feiras durante o recreio. Momento este esperado, apreciado e acima de tudo uma constatação real de que a escola é um espaço de oportunidades, referendado por Cunha (2014), ao mencionar que:

A prática escolar é uma grande oportunidade para profissionais e familiares construírem um repertório de ações inclusivas para o aprendiz com autismo. Não se trata meramente de estipular tarefas isoladas e pedir para serem cumpridas com rigor e método, mas trata-se de uma concepção de aprendizagem que inclui desafios e superação, sempre com o intuito de propiciar a autonomia. A autonomia é uma conquista elementar no seio da escola (p. 57).

Os momentos musicais com a temática gaúcha são previamente planejados com o olhar da professora do AEE, segundo a Resolução 04/2009 (BRASIL, 2009), que orienta quanto à oferta do AEE - Atendimento Educacional Especializado se configura público-alvo da Educação Especial, alunos com deficiência, Transtorno Globais do Desenvolvimento e Altas Habilidades/Superdotação. Considerando o AEE como um “conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular” (BRASIL, 2009). Lucas pesquisa e faz *download* das músicas em casa, organizando cada programa com um roteiro em que são especificados os nomes das faixas musicais, compositor/grupo, ritmo, curiosidades. Lucas também atende aos pedidos musicais solicitados durante a semana. Durante o programa faz a locução, auxiliado por outro colega ou professora para trabalhar na mesa de som. Cabe ressaltar que, no primeiro programa Lucas estava muito ansioso, sentimento natural diante do novo, e ao mesmo tempo feliz. Suas palavras emocionaram quando disse “meu sonho está sendo realizado” referindo-se ao fato de ser radialista e gostar muito de ouvir programas de rádio.

CONCLUSÃO

O Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) vem reiterar o que os documentos legais já vinham orientando e normatizando, considerando que a educação é um direito da pessoa com deficiência, assegurando sistemas inclusivos em todos os níveis e aprendizado para toda a vida, visando o máximo desenvolvimento intelectual considerando as características, interesses e necessidades de aprendizagem. Ressaltando a importância de “pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva” (BRASIL, 2015),

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: DIVERSIDADE CULTURAL/HUMANA

acreditamos que, se faz necessário uma reeducação no olhar, considerando que as aprendizagens dos sujeitos com deficiência podem e vão além dos conceitos básicos, das atividades cotidianas, sem subestimar o desenvolvimento desses alunos. As atividades devem partir de situações significativas, contextualizadas e concretas, mas não devem limitar-se a estas.

Nessa perspectiva de Inclusão, a Educação Especial é transversal ao currículo, se realiza em todos os níveis, etapas e modalidades, é possível constatar que a escolarização dos alunos com TEA é um processo construído a cada dia, com estratégias planejadas de modo colaborativo com a participação da escola e da família, especificamente no caso do Lucas, uma caminhada continua, com várias ideias, sempre com o foco direcionado aos estímulos, e incentivando para que sua participação vá além do planejamento do programa, pesquisa e locução, percebendo que é capaz de colocar as músicas, ligar os aparelhos, guardar os materiais, ou seja, ser mais autônomo e conseqüentemente ampliar essa confiança em si para as demais atividades que se envolva:

Para oferecer uma boa qualidade nas experiências educacionais das pessoas com autismo no contexto escolar, é imprescindível a aquisição, a apropriação e a integração por parte da escola daqueles conhecimentos outrora situados fora dela. Urge uma integração do conhecimento produzido até hoje pelas diversas áreas para que este seja disponibilizado e compartilhado na inclusão educacional e escolar. (SCHMIDT, 2013, p. 19).

Tornando-se eminente o questionamento, quanto à inclusão nos demais espaços escolares? Está acontecendo de forma tranquila e feliz. Lucas vem diariamente para a escola, interage com os colegas e professores, participa das aulas e de todas as atividades que a escola oportuniza, como o Grupo de Dança, gincanas, palestras, passeios de estudo, situações de aprendizagens estas, que sempre viram notícias, reforçando o reconhecimento e a valorização de toda a comunidade escolar para o projeto “Rádio na Escola”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica - Resolução nº 4 CNE/CEB 2009.

BRASIL. Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: DIVERSIDADE CULTURAL/HUMANA

dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. 2012.

BRASIL. Estatuto Brasileiro da Pessoa com Deficiência. Lei:13.146 de 6 de julho de 2015.

CUNHA, Eugênio. Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar - ideias e práticas pedagógicas. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

CUNHA, Eugênio. Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

SCHMIDT, Carlo (Org.). Autismo, educação e Transdisciplinaridade. Campinas: Papirus (série educação especial), 2013.

[1]A lei 12764/12, a chamada LEI BERENICE PIANA, tem essa denominação, pois a Berenice Piana é mãe de um garoto autista e que lutou bravamente, enfrentando diversas barreiras para que a lei fosse aprovada.

[2] Sala de Recurso é o espaço físico organizado para efetivação do AEE, que contém mobiliários, recursos pedagógicos e de acessibilidade e materiais didáticos para atender às necessidades educacionais específicas dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

[3]Hans Asperger (1994), psiquiatra e pesquisador austríaco, observou que o padrão de comportamento e habilidades ocorria preferencialmente em meninos, descreveu o caso de um garoto de seis anos, chamado Fritz, que: “Aprendeu a falar frases muito cedo e a se expressar como um adulto”. Nunca conseguiu se integrar a um grupo de crianças brincando, falando sem timidez, mesmo com estranhos. A Síndrome de Asperger, que se encontra no Transtorno do Espectro Autista, deve seu nome a ele.